

O sítio Morro da Saudade: Redes de sociabilidade e acesso a terra na freguesia de Marapicú na segunda metade do oitocentos.

RUBENS DA MOTA MACHADO¹

No ano de 1870, o lavrador Bento Antônio da Silva Chaves aparece como arrendatário de terras que juntas formavam o sítio Morro da Saudade na localidade de Cabuçu da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú. O sítio de Bento Antônio Chaves era composto por terras arrendadas a Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho, o Visconde de Aljezur. O Visconde era à época, o quatro senhor das terras pertencentes ao Morgado de Marapicú, transmitidas por herança do seu bisavó, o Capitão-Mor Manoel Pereira Ramos de Lemos e Farias. Segundo a anotação do ano de 1856 no RPT, o Morgadio era composto por duas grandes fazendas, a Fazenda de Marapicú e a Fazenda de Cabuçu, que unidas atravessavam as freguesias de Santo Antônio de Jacutinga, a freguesia Nossa Senhora da Conceição de Marapicú e a freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçú. A mesma anotação no RPT informa que nas terras do Morgado existiam aproximadamente 200 arrendatários.

Na leitura do processo de inventário² de Bento Antônio Chaves não fica claro, mas acredito com base na localização geográfica que as terras do referido sítio situavam-se no interior da Fazenda de Cabuçu. O mesmo documento informa que o arrendatário Bento Antônio Chaves pagava a quantia de 45 mil reis anuais pela ocupação das terras. O elevado número de arrendamentos nas terras do Morgadio de Marapicú corrobora a tese de Manoela Pedroza³ de que as crises de produção agrícola e do escravismo fluminense levaram ao ampliamiento da quantidade de arrendamentos na província do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Segundo a autora, diferentes trabalhos já comprovaram que:

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPq.

² Inventário *post-mortem* (Arquivo Nacional). Fundo: Juízo de Órfãos e Ausentes – ZN. Nome das partes: Chaves, Helena Silva. Ano: 1870. N.º: 283. Caixa: 1396.

³ PEDROZA, Manoela. **Engenhocas da Moral**: redes de parentela, transmissão de terras e direitos de propriedade na freguesia de Campo Grande (Rio de Janeiro/século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

Os arrendamentos funcionavam como forma de grandes proprietários, empobrecidos ou falidos, auferirem renda para manter o padrão de vida, casas na Corte e formar os filhos no reino, sem se preocupar com as atividades agrícolas mais efetivas em parte ou em toda a sua propriedade. (PEDROZA, 2011, p. 211).

O pequeno valor monetário pago pelo arrendatário Bento Antônio Chaves permite que imaginemos que a estratégia utilizada pelo Visconde de Aljezur tenha realmente sido conseguir formar o maior número possível de arrendamentos nas terras do Morgadio. Nas anotações do RPT, o próprio Visconde de Aljezur figura como declarante no registro referente ao Morgadio verbalizando possuírem as suas terras cerca de 200 arrendatários. Não temos conhecimentos de todos os valores de arrendamentos pagos pelos sítiantes das terras do Morgadio de Marapicú. Porém, com base na grande quantidade de arrendatários declaradas no RPT podemos imaginar que o Visconde de Aljezur obtinha anualmente alguns milhares de contos de reis com os contratos de arrendamento de suas terras. Já sabemos que Bento Antônio Chaves era um dos muitos arrendatários das terras do Morgadio de Marapicú. Redirecionemos a nossa atenção novamente para a região de Cabuçu, especialmente ao Sítio Morro da Saudade arrendado por Bento Antônio Chaves. O gráfico DPM 1⁴ ajuda a olharmos mais a fundo a comunidade e as redes parentais que envolviam o nosso personagem.

O lavrador Bento Antônio Chaves era casado em primeiras núpcias com Helena da Silva Chaves, tendo como fruto da união sete filhos legítimos. Os filhos do casal eram Maria da Silva Chaves, Antônio da Silva Chaves, Amélia da Silva Chaves, Francelina da Silva Chaves, Florinda da Silva Chaves, Eliza da Silva Chaves e Ana da Silva Chaves. O inventário *post-mortem* dos bens da família Silva Chaves é aberto em decorrência do falecimento no dia 03/02/1870 de sua mulher. Nosso personagem, Bento Antônio Chaves parecia ter a saúde frágil, pois consta no interior do inventário alguns atestados médios comprovando que o lavrador sofria de epilepsia e, por isso, não poderia comparecer frequentemente as atividades referentes à função de inventariante

⁴ O gráfico DPM 1 foi incluído ao final do texto.

no processo. Todavia, a saúde debilitada parece não ter impedido Bento Antônio Chaves de casar-se novamente poucos meses depois. Bento Antônio se casou em segundas núpcias com Helena Rosa da Conceição. A escolha da segunda esposa ajuda a revelar as redes sociais de convivência que entrelaçavam os moradores do sítio do Morro da Saudade. Helena Rosa da Conceição, segunda esposa de Bento Antônio Chaves, era irmã do seu genro Quintino da Silva Ribeiro. Este era casado com sua filha mais velha, Maria da Silva Chaves. Os pais de Helena e Quintino eram Claudio da Silva Ribeiro e Felismina Angélica da Conceição. Desta forma, as famílias Silva Chaves e Silva Ribeiro estavam a ligadas através de dois laços matrimoniais. Todavia, o segundo matrimônio das famílias teve uma duração bastante curta. Em 29/03/1871, Bento Antônio Chaves falece deixando a esposa grávida de 3 meses.

Formando o outro ramo da rede parental de Bento Antônio Chaves temos o casamento de sua filha Amélia da Silva Chaves. Na época em que se casou com José Maria Ribeiro, a jovem Amélia Chaves era ainda menor de idade, conforme mostra o pedido de autorização, anexada ao inventário, ao Juiz de Órfãos para a realização da cerimônia religiosa. Os pais do noivo José Maria Ribeiro, já falecidos à época do casamento, eram Joaquim José Ribeiro e Noberta Rosa da Conceição. É interessante notar que os pais dos dois casamentos da família Silva Chaves tinham sobrenomes iguais. Os pais de Quintino e Helena se chamavam Claudio da Silva Ribeiro e Felismina Angélica da Conceição, enquanto os pais de Joaquim da Silva Ribeiro, noivo de Amélia, foram denominados como José Maria Ribeiro e Noberta Rosa da Conceição. Será que a presença de sobrenomes em comum, Ribeiro no elo masculino e Conceição no elo feminino, pode indicar algum grau de parentesco entre os noivos das duas irmãs Silva Chaves? Os Registros Paróquias de Batismos⁵ dos quais tive acesso para esta pesquisa não me informaram qualquer relação de parentes entre as citadas famílias. Contudo, a hipótese não pode ser totalmente descartada, elemento que indicaria um perfil endogamico bastante nítido nos casamentos da família Silva Chaves.

⁵ Para se evitar repetições usarei a sigla RPB para fazer referência ao Registro Paroquial de Batismo.

As redes parentais tecidas pela família Silva Chaves representavam muito mais do que simples privilégios matrimônios dados a algumas famílias da região. Por meio de consultas ao banco de dados do RPB, observei que os pais de Helena e Quintino, Claudio Ribeiro e Felismina Conceição, deveriam morar próximo ao sítio de Bento Antônio Chaves. O referido Claudio da Silva Ribeiro aparece como proprietário de 4 escravas que batizaram os seus filhos na Igreja Matriz da Santo Antônio na freguesia de Santo Antônio da Jacutinga. A escrava Ermelinda Crioula batizou dois filhos. A primeira a receber o sacramento do batismo foi a ventre-livre Andresa Preta que no ano de 1874, tendo como padrinho o escravo David e madrinha a escrava Prudência. Ambos escravos de Claudio da Silva Ribeiro. Três anos mais tarde, a mesma escrava Ermelinda Crioula batizou o filho Gabriel de cor Fula⁶, ventre-livre, que tivera como padrinho o cativo Elisario acompanhado da escrava Maria como madrinha. Outra escrava de Claudino da Silva Ribeiro que teve dois filhos batizados foi Teresa de cor Fula, que no ano de 1877 batizou seu filho, o ventre-livre José de cor fula, que tivera como padrinho o escravo André Crioulo e como madrinha a escrava Antônia Parda. Dois anos antes, a mesma escrava Teresa de cor Fula batizou a ventre-livre Joaquina tendo como padrinho o escravo Simplicio, de propriedade de Quirino de Souza Barbosa da Rocha, e como madrinha a escrava Ermelinda Crioula, mãe de Andresa e David, de propriedade de Claudino da Silva Ribeiro.

Os assentos de batismos dos escravos pertencentes à Claudio da Silva Ribeiro fornecem boas indicações sobre a comunidade de agricultores que cercavam o sítio Morro da Saudade. Com base nos assentos de batismo, podemos verifica que Claudio da Silva Ribeiro, por volta do ano de 1870, tinha a sua disposição pelo menos 8 escravos em idade adulta. Qual tipo de trabalho fariam esses escravos de propriedade de Claudio da Silva Ribeiro? Voltando a consultar as informações do AL, agora através de um olhar microscópio, localizei 5 registros na categoria **Lavradores** lançados com o nome

⁶ Como definição do termo Fulo temos o seguinte significado no Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio Silva de Moraes publicado em 1813. *Fulo*, a, adj. – Diz-se do preto, e do mulato, que não tem cor bem fixa, mas tirante a amarelo, ou pálido... Que muda de côr, por sensação forte, paixão de animo, etc.: fulo de fome e sede; fulo de raiva.

de Claudio da Silva Ribeiro. Entre os anos de 1875 e 1877, e depois em 1879 e 1880, o nosso personagem aparece inscrito nas páginas do AL como lavrador na freguesia de Santo Antônio de Jacutinga. Estaria os 8 escravos de Claudio da Silva Ribeiro empregados na atividade de plantação de alimentos? A Esta hipótese é bastante provável. Os dados do AL nos informam ainda que o lavrador Claudio da Silva Ribeiro tinha acesso a terra na localidade de Madureira, na freguesia de Santo Antônio de Jacutinga. Atualmente, as denominações Madureira e Cabuçu fazem parte da geografia urbana da cidade de Nova Iguaçu, ambos os termos são referentes a bairros que compõem uma mesma região geográfica do município. Na toponímia da cidade de Nova Iguaçu a denominação Madureira tem origem na formação de um engenho de cana de açúcar na região que carregava o mesmo nome, e que acabou batizando a cadeia de montanhas⁷ que cruzam a localidade. Já a região de Cabuçu tem seu nome derivado da mencionada Fazenda de Cabuçu parte integrante do Morgado de Marapicú.

Por meio da toponímia regional da cidade de Nova Iguaçu, podemos estimar que Claudio da Silva Ribeiro e Bento Antônio Chaves eram lavradores de terras muito próximas. Não consigo mensurar a proximidade das terras de Claudio Ribeiro e o arrendamento do sítio Morro da Saudade. Não posso dizer que ambos eram vizinhos de cerca. Porém, posso afirmar com bastante segurança que as lavouras de Bento e Claudio eram relativamente próximas. Tal proximidade geográfica permite ainda que levante a hipótese de Claudio da Silva Ribeiro ser um das centenas de arrendatários do Morgado de Marapicú. Teria Claudio Ribeiro arrendado terra ao Visconde de Aljezur? Está é uma hipótese bastante provável.

Agora, direciono a busca para o outro lado da parentela de Bento Antônio da Silva Chaves, a família de origem de seu genro José Maria Ribeiro casado com sua filha Amélia por intermédio da liberação do Juiz de Orfãos em 1870. As informações do AL não indicam nenhuma atividade agrícola em nome de seu pai, Joaquim José Ribeiro.

⁷ A cadeia de montanhas que foram a Serra de Madureira é um segmento do grande Maciço do Gericinó-Mendanha. Vale ressaltar que as formações geológicas do Maciço Gericinó-Mendanha foi estudo do famoso geógrafo Albeto Lamego.

Porém, o próprio noivo de Amélia, José Maria Ribeiro aparece em lançamentos nos de 1870 a 1871, e, depois, no período de 1876 a 1880 na categoria de **Lavradores** para a freguesia de Marapicú. Ao que tudo indica Bento Antônio da Silva Chaves tinha grande contato com os lavradores próximos ao seu sítio, e buscou arregimentar alianças locais por meio das relações matrimoniais de sua família. Suas filhas Maria e Amélia Chaves contraíram casamentos com famílias de lavradores da região ao redor do sítio de seus pais, e o próprio Bento Antônio Chaves reforçou laços de reciprocidade com a família Silva Ribeiro ao casar-se em segundas núpcias com a jovem Helena Rosa da Conceição, irmã de seu genro Quintino da Silva Ribeiro.

A rede de Bento Antônio Chaves com os lavradores de Marapicú

Para buscar entender as relações forjadas entre Bento Antônio da Silva Chaves e a comunidade de lavradores da freguesia de Marapicú, temos que antes compreender qual era a aplicação dada às terras arrendadas do sítio Morro da Saudade pelo próprio Bento Antônio Chaves. Para isso, consulte o nome de nosso personagem nos registros do AL. Nas páginas do Almanaque, Bento Antônio Chaves é lançado 12 vezes na categoria **Lavradores**, com as entradas compreendendo o período de 1860 a 1871 na freguesia de Marapicú. Sabemos que o lavrador Bento Antônio Chaves faleceu no ano de 1871, momento exato do último lançamento das informações no AL com o seu nome. Já, a data de 1860 é mais enigmática para a pesquisa histórica. Lendo o inventário de Bento e de sua primeira esposa, Helena da Silva Chaves, não consegui aferir com precisão a data de início do arrendamento das terras do sítio Morro da Saudade junto ao Visconde de Aljezur. Porém, com base nas relações de dívidas deste mesmo inventário, sei que o sítio do Morro da Saudade em meados da década de 1860 já estava sobre o poder de Bento Antônio Chaves. Isto torna bastante provável que as terras nas quais o lavrador Bento Antônio Chaves aparece registrado no ano de 1860 nas páginas do AL, fossem as próprias terras do sítio do Morro da Saudade. Se o lavrador Bento Antônio Chaves aparece nos registros do AL desde o começo da década de 1860, possivelmente em terras do próprio arrendamento do sítio Morro da Saudade, podemos

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN - 22 a 26 de julho 2013

Francisco	Pardo	25 anos	Serviço de roça
Serafim	Pardo	24 anos	Serviço de roça
Feliciano	Crioulo	30 anos	Carreiro
Paulo	Crioulo	30 anos	Serviço de roça
Leopoldina	Nação	45 anos	Cozinheira
Domingas	Crioulo	22 anos	Costureira
Eufrasia	Crioulo	7 anos	Serviço de roça
Adão	Crioulo	14 anos	Serviço de roça
Olímpio	Crioulo	12 anos	N/C
Galdino	Crioulo	30 anos	Serviço de roça

perguntar quais eram os tipos de lavouras e mão-de-obra praticadas nas terras de Bento Antônio Chaves? Novamente as informações presentes no inventário dos bens da família Silva Chaves ajudam a esclarecer as dúvidas. Através do inventário podemos saber que Bento Antônio e sua família tocavam as lavouras do sítio com a utilização de mão-de-obra escrava. A tabela 14 abaixo indica a composição do plantel escravo de domínio de Bento Antônio Chaves nos finais dos anos de 1870.

Tabela 14

Continuação

Fonte: Inventário *post-mortem* (Arquivo Nacional). Fundo: Juízo de Órfãos e Ausesimes – LIN. INOME das partes: Chaves, Helena Silva. Ano: 1870. Nº: 283. Caixa: 1396.

Sabemos que todos os escravos, conforme indicado no inventário, habitavam e trabalhavam no arrendamento do sítio do Morro da Saudade. Podemos ver que do total de 19 cativos, 18 escravos possuem a sua ocupação identificada. A única exceção é o

Escravos pertencentes ao inventário de Bento e Helena Chaves			
NOME	NATURALIDADE/COR	IDADE	OCUPAÇÃO
Fausta	Nação	70 anos	Serviço de roça
Ricardo	Nação	60 anos	Continua...
Matheus	Nação	70 anos	Serviço de roça
João	Crioulo	60 anos	Serviço de roça
Joaquim Miguel	Benguela	70 anos	Serviço de roça
João	Crioulo	50 anos	Carreiro
Jorge	Crioulo	30 anos	Serviço de roça
David	Crioulo	25 anos	Serviço de roça
André	Pardo	25 anos	Carreiro

escravo Olímpio, filho da escrava Leopoldina de Nação, que não teve a ocupação explicitada no inventário. Todos os outros cativos, incluindo os escravos Adão e Eufrasia filhos da escrava Domingas, de 14 e 7 anos respectivamente, mesmo com a pouca idade foram identificados como trabalhadores do roçado. O historiador brasileiro Stanley Stein⁸, estudando a localidade de Vassouras no período do café, demonstrou que desde muito cedo as crianças escravas acompanhavam seus pais no trabalho da lida com o roçado⁹. Tal tarefa serviria como um grande período de aprendizado do trabalho na lavoura. Ainda na mesma tabela 14, podemos notar que alguns cativos possuíam ocupações ligadas aos transportes, caso dos escravos Feliciano Crioulo, João Crioulo e André Pardo que tinha a ocupação de Carreiros, enquanto os outros cativos estavam destinados a ocupações que remetem ao âmbito doméstico, como as cativas Domingas Crioula, costureira, e Leopoldina de Nação, cozinheira. Todavia, a maioria dos escravos do plantel de Bento Antônio Chaves estavam direcionados as atividades voltadas aos cuidados da plantação.

Tendo um plantel de 19 cativos nas terras do sítio do Morro da Saudade seria o Bento Antônio Chaves um lavrador de grande porte? Infelizmente, não existem dados censitários dos planteis de Iguazu que nos ajudem a responder com exatidão a pergunta. Contudo, as informações do Relatório do Marquês do Lavradio para o ano de 1878 podem oferecer pista para esse assunto.

FTP	Engenhos				Engenhocas		
	Nº de Prop.	Nº de Escravos	%		Nº de Prop.	Nº de Escravos	%
0 a 5	24	74	0,6		53	167	8,8
6 a 10	40	308	2,6		51	399	21,1

⁸ STEIN, Stanley. **Vassouras: um município brasileiro do café (1850-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

⁹ As fotografias do francês Jean-Victor Frond demonstram que as crianças cativas acompanhavam seus pais nos serviço diários da roça.

11a 20	81	1.269	10,9		49	664	35,1
21 a 40	116	3.565	30,7		20	569	30
41 a 60	28	1.379	11,9		2	95	5
61 a 80	16	1.183	10,2		-----	-----	-----
81 a 100	8	736	6,3		-----	-----	-----
Mais de 100	10	3.109	26,8		-----	-----	-----
Totais	323	11.623	100		175	1.894	100

Tabela 15

Tabela 15: Distribuição dos Escravos Segundo o Tipo de Unidade Produtiva e Faixas de Tamanho de Plantéis (1778)

Fonte: Adaptação de COSTA, Iraci del Nero da. Nota sobre a posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses. (1778). Tabela 1, página 2

Os dados da tabela 15 indicam que as propriedades com Faixas de Tamanho de Planteis (FTP) entre 11 a 20 escravos representavam 81 unidades, 25,1%, do total de 323 do grupo de Engenhos, enquanto no grupo de Engenhocas a mesma faixa de plantel tem 49 unidades, 28%, no total de 175 unidades. No inventário não encontrei nenhuma indicação de que as terras do sítio Morro da Saudade possuísse engenho. Por isso, acredito que o arrendamento de Bento Antônio Chaves se aproximava mais do grupo de engenhoca. Devo salientar ainda que a historiadora Mariza de Carvalho Soares¹⁰ argumenta que em regiões de interior de província como Iguazu deveriam predominar os engenho e engenhocas de farinha, o invés dos seus correspondentes de cana-de-açúcar. Para o nosso caso, acredito que o lavrador Bento Antônio Chaves deveriam produzir e comercializar ambos os produtos, inclusive no inventário há a anotação da existência de uma casa de farinha nas terras do sítio do Morro da Saudade. Continuando na discussão dos dados da tabela 15, podemos notar que o plantel do sítio do Morro da Saudade não era um plantel de grandes proporções se comparados a outras faixas de planteis da região no final do século XVIII.

Todavia, existe um grande lapso temporal entre a presença de Bento Antônio Chaves nas terras do sítio do Morro da Saudade, meados do oitocentos, e as estatísticas

¹⁰ SOARES, Mariza de Carvalho. Engenho sim, de açúcar não – O engenho de farinha de Frans Post. **VARIA.HISTORIA**, Belo Horizonte, vol..25, nº.41:..p.61-83, jan/jun.2009

apresentadas pelo Marquês do Lavradio. Porém, se recorremos aos dados do desembarque de escravos no Sudeste brasileiro podemos ter uma visão mais próxima dos limites das faixas de planteis para a região de Iguaçu. Os dados quantitativos do desembarque de escravos presentes no estudo de Manolo Florentino¹¹ e ainda no *Slave Trade Database* para a região do Sudeste brasileiro, entre a segunda metade do século XVIII e meados da segunda metade do oitocentos, indicam o aumento exponencial do desembarque de cativos a partir do início do século XIX. Os índices do *Slave Trade Database* mostram o desembarque de 475,099 escravos para o período de 1751 a 1800, enquanto o período de 1801 a 1850 registra o desembarque de 1.275,932 cativos no Sudeste brasileiro. Com base nisso, podemos estimar que os proprietários de escravos de Iguaçu pudessem ter acesso a um número maior de cativos no transcorrer do século XIX. Logo, se o plantel escravo de Bento Antônio Chaves comparado aos dados de dimensões de planteis no relatório do Marquês do Lavradio situava-se em dimensões médias. A mesma comparação para o período seguinte, momento em que explode a quantidade de cativos que desembarcam no Sudeste, provavelmente situaria o plantel de Bento Antônio Chaves na classificação de médio a pequeno.

Então, sabemos que o plantel escravo presente nos sítio do Morro da Saudade se comparado a outros planteis da região, provavelmente seria caracterizado como plantel de tamanho médio a pequeno. Cabe ainda saber quais atividades os escravos do sítio de Bento Antônio Chaves praticavam. As ocupações dos cativos presentes na tabela 15 combinada com os lançamentos de Bento Antônio Chaves como lavrador indicam que as atividades agrícolas deveriam ser predominar entre as atividades da mão-de-obra escrava no sítio Morro da Saudade. Retornando ao inventário da família Silva Chaves, identificamos a existência de diferentes lavouras empregadas no sítio de Bento Antônio Chaves à época da execução do inventário. Sabemos que havia roçados de pés de mandioca, um pequeno pomar contendo algumas árvores frutíferas, como bananeiras e cajazeiras, um pasto para animais, roçados de cana-de-açúcar, e ainda cerca de 7800 pés

¹¹ FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

de café. Na leitura do inventário fica bastante evidente que a plantação de pés de café era a lavoura com maior destaque econômico. Pois, somente sobre os pés de café tem uma precisão numérica, as demais lavouras são sempre indicadas através de termos pouco precisos. Como “um pequeno mandiocal”, “algumas árvores frutíferas”, etc. Todavia, as terras do arrendamento do Morro da Saudade foram utilizadas para o cultivo de diferentes gêneros alimentícios. Vale lembrar que a região de Iguazu tem como grande destaque agrícola a sua produção de farinha de mandioca. O trabalho de Nielson Bezerra¹² mostram as dinâmicas trocas comerciais da farinha de mandioca produzida nas freguesias do recôncavo da Guanabara que circulava na praça comercial do Rio de Janeiro, chegando até mesmo, a servir como moeda de troca por escravos na costa da África.

Até aqui sabemos que Bento Antônio da Silva Chaves arrendou o sítio do Morro da Saudade na freguesia de Marapicú, no qual desde 1860 aparece nos registro do AL como lavrador. No trabalho diário da lavoura de gêneros alimentícios do sítio do Morro da Saudade era empregada a mão-de-obra escrava. Seria Bento Antônio Chaves um caso isolado de lavrador da freguesia de Marapicú empregando mão-de-obra escrava? Os resultados desta pesquisa tem mostrado que havia uma rede de lavradores de Marapicú que utilizavam o trabalho escravo como mão-de-obra de suas lavouras. Para demonstrar esta argumentação, vamos seguir pela vizinhança do nosso lavrador Bento Antônio Chaves.

Sabemos que as terras do Morro da Saudade fazia fronteira com a Estrada Real do Comércio, e ainda com terras relacionadas a Joaquim José Ribeiro, Miguel José da Silva, e Miguel de Souza Moura. O personagem Joaquim José Ribeiro é um velho conhecido nosso. Sabemos que ele é pai de um dos genros de Bento Antônio Chaves, José Maria Ribeiro casado com Amélia. Já havia alertado que os registros do AL indicam o nome de José Maria Ribeiro na categoria **Lavrador** a partir do ano de 1870.

¹² BEZERRA, Nielson Rosa. **Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)**. Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010. 215 f.

Sabemos também que no momento do casamento de José Maria Ribeiro com a jovem Amélia da Silva Chaves, os pais do noivo já eram falecidos. Teria José Maria Ribeiro continuado nas terras vizinhas do sítio Morro da Saudade? Estas terras vizinhas do Morro da Saudade seria posse legal do pai de José Maria Ribeiro, e conseqüentemente, teria feito parte da herança de José Maria Ribeiro? Não podemos responder com precisão a estes questionamentos. Acredito que as terras indicadas em nome do pai de José Maria Ribeiro fizessem parte das terras arrendadas pelo Visconde de Aljezur. E que após a morte de seu pai, José Maria Ribeiro tenha assumido o controle das terras arrendadas. A localização das terras do pai de José Maria Ribeiro como vizinhas ao sítio Morro da Saudade reforça a opção de Bento Antônio da Silva Chaves de buscar alianças matrimoniais com o grupo de lavradores próximos.

Os outros dois vizinhos do sítio Morro da Saudade, Miguel José da Silva e Miguel de Souza Moura, também parece possuírem relações próximas com o lavrador Bento Antônio Chaves. Sabemos que ambos foram os avaliadores dos bens da família Silva Chaves no momento de execução do seu inventário, e também que os dois possuíam o título de Capitão. O vizinho Miguel José da Silva aparece nos registros do AL em três períodos diferentes. No primeiro período, entre os anos de 1854 e 1855, Miguel José da Silva é lançado na categoria **Fazendeiros** para a freguesia de Marapicú. Todavia, no segundo período, o mesmo Miguel José da Silva aparece entre os anos de 1860 e 1866 lançado na categoria **Lavradores**, e, em um terceiro período entre os anos de 1867 e 1868, teve seu nome anotado na categoria **Fazendeiros**. O que pode ter provocado a troca de categoria de Miguel José da Silva? Acredito que o caso de Miguel José da Silva ajuda a reforçar a tese da importância do volume da produção para a inscrição em cada categoria do AL. Nos anos de maior produção Miguel José da Silva pode ter entrado na categoria **Fazendeiros**, ao passo que nos anos de baixa produção a categoria selecionada foi **Lavradores**. Não sustento a hipótese de que Miguel José da Silva tenha mudado a sua forma de acesso a terra pelo menos três vezes entre a metade da década de 50 e o final da década de 60. No primeiro capítulo 1, tivemos como base o caso do Comendador Francisco Soares que também mudou de categoria no AL com a

passagem dos anos. Estes dois casos ajudam a reforçar a tese de que o volume de produção é muito mais importante do que a forma de acesso a terra para a determinação da categoria do AL. Sobre a forma de acesso de ambos os casos, creio que no caso do Comendador Francisco Soares a forma de acesso a terra era a herança e a compra, enquanto no caso de Miguel José da Silva faço a inferência que ele possa ser um dos muitos arrendatários das terras do Morgado de Marapicú.

Já, o outro vizinho Miguel de Souza Moura parece estar situado numa posição diferenciada quanto à relação com a terra se comparado aos seus demais vizinhos. Do grupo de agricultores até agora estudados na freguesia de Marapicú, Miguel de Souza Moura é o único que tem seu nome registro no RPT. As informações do RPT mostra Miguel de Souza Moura sendo registrado como declarante de duas datas de terras pertencentes a sua mãe, Maria Angélica de Souza Moura, na freguesia de Santo Antônio da Jacutinga, na localidade denominada de Retiro. Nos dados do RPT, existe ainda um terceiro registro mostrando o personagem Miguel de Souza Moura envolvido numa negociação familiar para a declaração de uma fazenda na mesma localidade de Retiro. Vejamos o gráfico DPM 2¹³ para entendermos melhor a configuração familiar que envolveu tal negociação de terra.

Com base no gráfico DPM 2, sabemos que Miguel de Souza Moura é um dos filhos do casal, Cristóvão de Souza Moura e Maria Angélica de Souza Moura. O RPT mostra Miguel de Souza Moura declarando, de uma só vez, duas datas de terras em nome de sua mãe na freguesia de Jacutinga em Janeiro de 1856. Ambas as declarações são de terras situadas na localidade de Retiro. Existindo ainda um terceiro registro no qual consta o nome de Miguel de Souza Moura. Neste registro, Luis Manoel Cabral, casado com Constância Ignacia Moura, irmã de Miguel Moura, aparece no registro sendo senhor e possuidor de uma fazenda na localidade de Retiro, logo um mês após as duas primeiras declarações de Miguel Souza. A declaração de Luis Manoel Cabral informa que as terras da fazenda foram adquiridas mediante a combinação de herança e

¹³ O gráfico DPM 2 foi incluído ao final do texto.

compra. Destas terras, 42 braças de terras foram herdadas por Constância Ignacia Moura, mulher de Luis Manoel Cabral, outras 42 braças foram compradas ao cunhado José Malaquias de Souza, mais 42 braças ao cunhado Miguel de Souza Moura, e as últimas 41 braças foram negociados por compra ao também cunhado Brás de Souza Moura.

Portanto, Luis Manoel Cabral adquiriu as terras da fazenda na localidade de Retiro mediante herança de sua esposa combinado com processos de compra das terras vizinhas aos seus cunhados. As páginas do AL não registram nenhuma informação de Luís Manoel Cabral estando relacionado à terra em Iguaçu. Seu nome só aparece uma única vez num assento de batismo na freguesia de Jacutinga no ano de 1836. Neste assento, o personagem Luis Manoel Cabral é padrinho da inocente Branca, filha da escrava Teresa Africana, ambas de propriedade de Manoel Pinheiro. Se Luís Manoel Cabral parece estar distante do trabalho na terra, seus cunhados, porém, estão diretamente ligados a atividade agrícola em Iguaçu. O cunhado Miguel de Souza Moura aparece, como já informado anteriormente, como um dos vizinhos do sítio Morro da Saudade arrendado por Bento Antônio Chaves. Os registros do AL indicam o nome de Miguel de Souza Moura presente na categoria **Fazendeiros** na freguesia de Jacutinga entre 1854 e 1871. É provável que as terras vizinhas ao sítio do Morro da Saudade fossem as mesmas terras, nas quais Miguel de Souza Moura foi indicado pelo AL desenvolvendo atividades agrícolas, pois as freguesias de Marapicú e Jacutinga bastante próximas. Desta forma, podemos supor que as terras de Miguel de Souza Moura pudessem atravessar as duas freguesias. Cabe ainda a pergunta, se as terras de Miguel de Souza Moura, vizinhas do sítio do Morro da Saudade, foram herdadas das terras declaradas por sua mãe no RPT? Acredito que está hipótese é bastante provável. Lembremos que sua mãe declarou duas datas de terras na freguesia de Jacutinga, e somente 42 braças Miguel de Souza Moura vendeu ao seu cunhado Luís Manoel Cabral. Portanto, é possível que as terras ocupadas pela lavoura declaradas ao AL fossem estabelecidas em terras próprias, adquiridas através da herança materna. A mesma situação parece se repetir com seus irmãos, José Malaquias de Souza e Brás de Souza

Moura. O primeiro aparece lançado na categoria **Fazendeiros** na freguesia de Jacutinga entre os anos de 1859 e 1863. E o segundo possui entradas na mesma categoria em seu nome entre os anos de 1854 e 1863. Também é possível que assim como seu irmão Miguel de Souza Moura, José Malaquias e Brás Moura atuassem como agricultores em terras próprias, herdadas através da legítima materna.

BIBLIOGRAFIA

Inventário *post-mortem* (Arquivo Nacional). Fundo: Juízo de Órfãos e Ausentes – ZN. Nome das partes: Chaves, Helena Silva. Ano: 1870. N°: 283. Caixa: 1396.

Registro Paroquial de Terras. Freguesias da Vila de Iguaçú de 1854 a 1857.

Almanaque Laemmert. Vila de Iguaçú entre os anos de 1844 a 1880.

BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1870-1840). Tese de Doutorado em História, Niterói, UFF, 2010, 215f.

COSTA, Iraci del Nero. Nota sobre a posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses (1778). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: USP, n. 28, 1988. p. 111-113

FORTE, José Matoso Maia. **Memória da Fundação de Iguassú**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1933.

FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

GOMES, Flávio dos Santos. **História de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

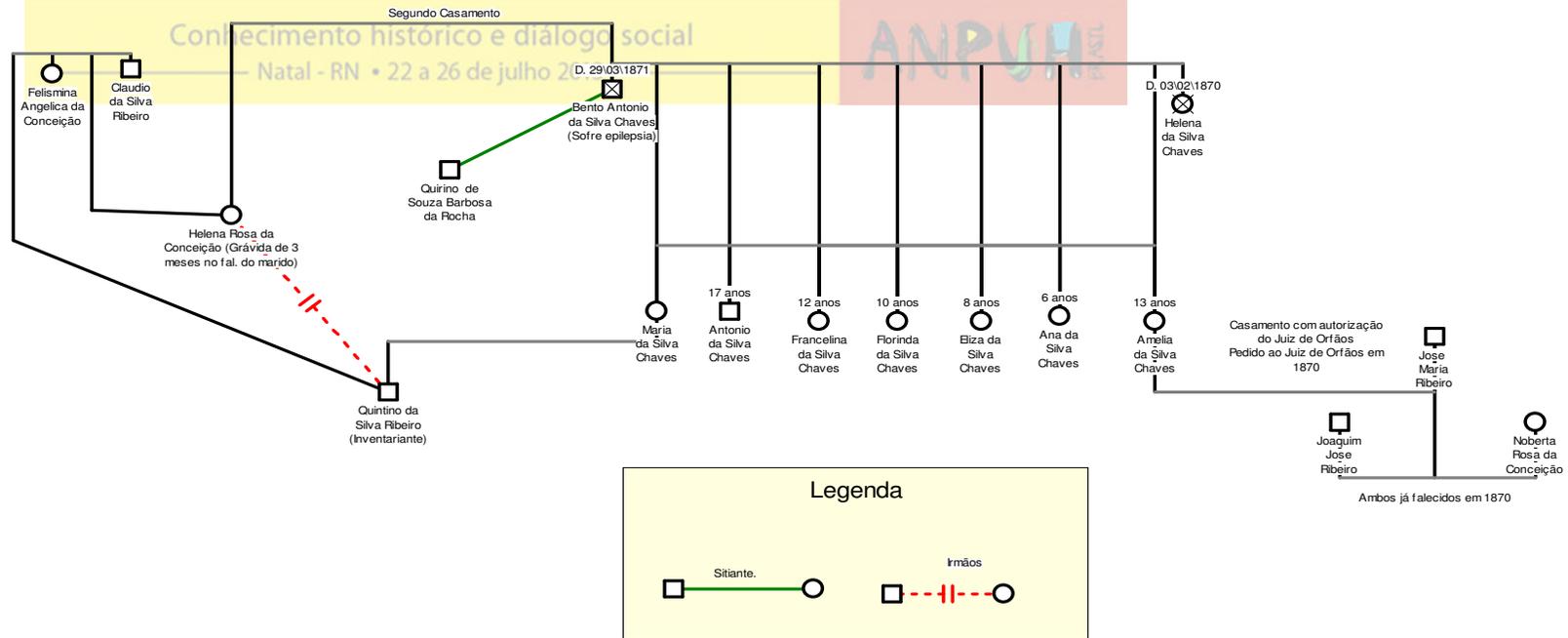
PEDROZA, Manoela. **Engenhocas da Moral**: redes de parentela, transmissão de terras e direitos de propriedade na freguesia de Campo Grande (Rio de Janeiro/século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

PEREIRA, Waldick. *Cana, Café & Laranja: História Econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV/SEEC-RJ, 1977.

SOARES, Mariza de Carvalho. Engenho sim, de açúcar não – O engenho de farinha de Frans Post. **VARIA.HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 25, nº 41: p.61-83, jan/jun. 2009

STEIN, Stanley. **Vassouras: um município brasileiro do café (1850-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
 Gráfico DPM 1 _ Bento Antônio da Silva Chaves



DPM 2 – Miguel de Souza Moura

